



VOTE PELO
Brasil

CARTILHA **LGBT** ELEIÇÕES 2016





Agradecimento

Agradecemos a todos os membros do grupo “LGBT Brasil” e das fanpages “LGBT Brasil” e “Cartilha LGBT Eleições” do Facebook pelo apoio, carinho e confiança. Agradecemos às pessoas que nos amam, que abriram mão de momentos conosco para a realização deste trabalho. Por fim devemos mencionar os colegas do site VOTE LGBT, que incluíram a Cartilha de 2014 em seu site, aprofundando agora essa parceria, com a Cartilha 2016 sendo parte importante de sua estratégia de conscientização do eleitorado de modo geral, em especial do eleitor LGBT.

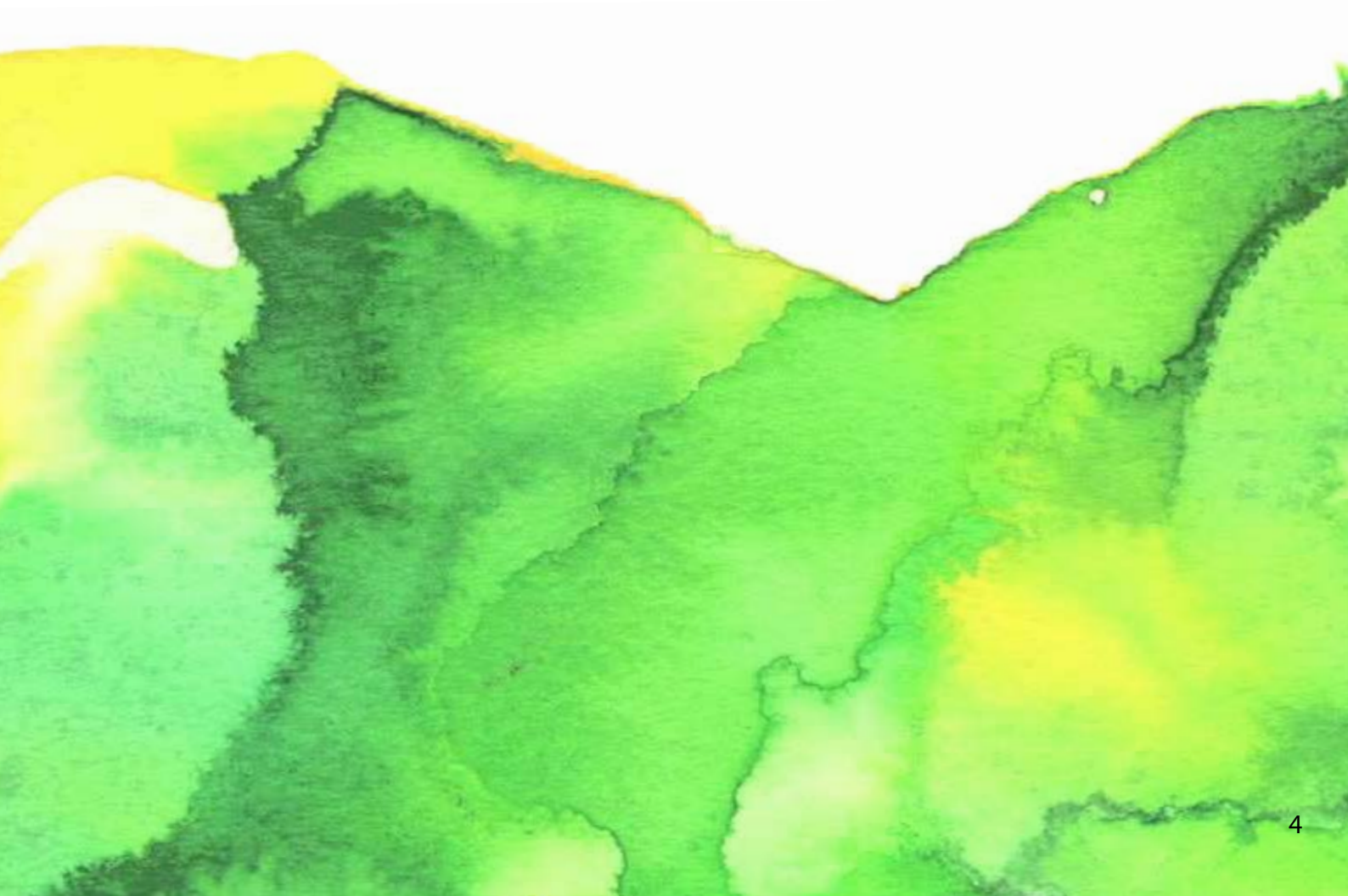


Sumário

Objetivo deste trabalho	pág 4
Quem Somos	pág 5
Porque a cartilha mudou de nome	pág 6
Como identificar um candidato	pág 7
Especificidade das eleições municipais	pág 9
Segunda carta aos evangélicos	pág 10
Quoeficiente eleitoral	pág 12
Cuidado com o abuso do poder econômico nas eleições	pág 14
Os partidos políticos	pág 15
Partidos hostis	pág 16
Partidos pragmáticos	pág 17
Partidos promissores	pág 18
Partidos de vanguarda	pág 19
Os novos partidos	pág 20
Usando a cartilha	pág 22
Acho que o meu candidato não ganha	pág 23
Não desista do seu voto	pág 24
Próximos passos	pág 25

Objetivo deste trabalho

Dar subsídios, de forma clara, transparente, imparcial e simplificada, para que os eleitores de todo o Brasil, em especial os eleitores LGBT, possam votar em candidatos que os representem de fato nas eleições de 2016. Esperamos modificar, de forma significativa, o quadro político nacional em favor do Estado Laico e dos Direitos Humanos, principalmente da população mais vulnerável: as mulheres, a população LGBT, os negros, os índios, os pobres, as minorias religiosas, principalmente das religiões de matriz africana, as pessoas com deficiência etc. Enquanto tivermos uma sistema que classifica e hierarquiza seres humanos como superiores ou inferiores, seja pelo motivo que for, não atingiremos uma sociedade fraterna, justa e igualitária. Essa Cartilha visa a ajudar o seu leitor a escolher candidatos que trabalhem para que um dia consigamos atingir esse grau mais avançado de civilização.





Quem somos

Nossa história começa em 20 de agosto de 2010, quando criamos a comunidade “LGBT Brasil” no Orkut, a qual abordava todos os assuntos referentes ao universo LGBT, além de ser um local para amizades e relacionamentos e um painel para difusão de arte, cultura, notícias e promoção dos direitos humanos.

Entre 2011 e 2012, lançamos a “Cartilha LGBT para as Eleições 2012/2014”, uma cartilha on-line que ajudou milhares de eleitores LGBTs a balizarem seus votos nas eleições municipais de 2012.

Com o declínio do Orkut, migramos para o Facebook, onde explodimos de vez. O que era uma comunidade com pouco mais de 2.000 membros tornou-se o maior grupo de militância LGBT do Facebook com mais de 85.000 membros, reunindo ativistas LGBTs famosos e anônimos, dos grandes centros e das pequenas cidades, trocando informações, notícias e debatendo o que de mais atual acontece em termos de direitos humanos LGBT no Brasil e no mundo.

Em 2014, lançamos a 2ª edição da Cartilha já em uma estrutura que compreendia as fanpages “LGBT Brasil” e “Cartilha LGBT Eleições”. A cartilha veio mais completa, abordando temas inéditos. Agora em 2016, lançamos a 3ª edição, com um novo nome: “VOTE PELO BRASIL - Cartilha LGBT Eleições 2016” em uma nova fase que visa não só o eleitor LGBT, mas todos os eleitores preocupados em eleger candidatos mais honestos, qualificados e sensíveis aos temas dos direitos humanos.

Nestas eleições, estabelecemos uma parceria com o site VOTE LGBT, que fez um importante trabalho de compilação das candidaturas pró-LGBT nas eleições de 2014, além de orientações e sensibilização do eleitorado quanto à importância de se levar em conta a cidadania LGBT na escolha de seus representantes. Esperamos assim obter efeitos sinérgicos para que o eleitor possa tirar o melhor proveito possível do seu voto.

Nós, os administradores do grupo LGBT Brasil, buscamos ser isentos nas conclusões da Cartilha. Não nos interessa se o partido é de esquerda ou de direita, mas qual o seu discurso e, principalmente, sua prática na promoção dos Direitos Humanos de modo geral e da cidadania LGBT em particular. Nós nos desnudamos de nossas paixões partidárias e ideológicas e aconselhamos a todos que façam o mesmo, ao lerem as próximas páginas.

Porque a cartilha mudou de nome

A cartilha do grupo LGBT Brasil agora é “Vote pelo Brasil - Cartilha LGBT Eleições 2016”. O novo nome serve para explicitar a nova ênfase da Cartilha, embora os pressupostos sejam os mesmos das cartilhas anteriores de 2012 e 2014.

Entramos em uma crise política, econômica e ética que desembocou no afastamento da presidente Dilma. Sem entrar no mérito do afastamento em si, o que ficou comprovado nesse processo foi a falência do sistema político partidário brasileiro. Todos nós descobrimos que temos uma classe política que não representa a diversidade da população brasileira.

Agora sabemos que nosso Congresso é esmagadoramente masculino, branco, rico, elitista, machista, misógino, racista, conservador, hipócrita e que despreza os direitos humanos e os movimentos sociais. Assistimos ao recrudescimento de ideias fascistas, muitas vezes, disfarçadas com o manto da proteção da ordem e da família.

A Cartilha LGBT Eleições 2016 não poderia passar ao largo dessa realidade. Como sempre colocamos, não se trata apenas de LGBT votar em LGBT, mas de todos nós brasileiros, votarmos em candidatos comprometidos com os valores republicanos consagrados na Constituição de 1988, que estão sendo atacados. Direitos à saúde, à educação e à previdência públicas e de qualidade começam a ser vendidos por políticos, empresários e grande mídia como nocivos ao desenvolvimento do país.

Ao mesmo tempo, os direitos humanos e a dignidade da pessoa humana passaram a ser considerados privilégios pleiteados por vagabundos e bandidos na concepção de líderes fascistas e antidemocráticos com cada vez mais espaço político, midiático e com grande apelo entre grande parte da população, tornando necessária uma vigorosa reação por parte daqueles que sempre lutaram para que o Brasil se torne Estado Democrático de Direito e de Bem-Estar Social.

Como já argumentamos na Cartilha de 2014, quem está de fato comprometido com esses valores luta por TODOS: pelas mulheres, pelas minorias étnicas e religiosas, pelos refugiados e migrantes, pelos mais fracos, pelos pobres, pela classe média e pela comunidade LGBT. Temos que defender todos esses grupos da opressão de quem quer que nós paguemos uma conta que não é nossa.

Nesse contexto, o apoio de um político à cidadania LGBT é fundamental, porque a minoria representada por nós ainda não foi assimilada pelo eleitorado, e os inimigos dos direitos humanos, que disfarçam seu repúdio pelas minorias de modo geral, sentem-se estimulados, de forma oportunista, a atacar a comunidade LGBT, alegando uma suposta defesa da família e da “moral cristã”.

Oprimir, ridicularizar e demonizar a comunidade LGBT é a senha para aparecer na mídia e ganhar projeção política e eleitoral. Por outro lado, quem assume a defesa de bandeiras mais progressistas e pró-LGBT tende a ser afastado e rechaçado por muitos eleitores, o que faz com que defender esse segmento da população seja algo de alto risco político.


Temos que reverter esse quadro, identificar os candidatos com compromisso autêntico com os movimentos sociais, com os direitos humanos e com a comunidade LGBT. Ao escolhermos essas pessoas para nos representarem, selecionaremos uma classe política mais diversa, plural, democrática e sensível aos anseios do Povo Brasileiro por um país mais justo, igualitário e progressista.

Obs: A presente Cartilha é resumida e simplificada em relação à Cartilha de 2014, para que ela seja mais fácil de ler, baixar e imprimir, mas a versão de 2014, sob diversos aspectos, ainda é atual, complementando a versão 2016, de forma que sugerimos a leitura também da Cartilha LGBT Eleições 2014, de forma subsidiária.

Como identificar um candidato

Sabemos que é importante votar em um candidato que apoie os Direitos Humanos em sua totalidade, o próximo passo é identificá-lo. O candidato deve preencher os seguintes requisitos:

- 1)** O candidato é ligado a algum movimento social ou a um grupo específico de pessoas e tem empatia e milita pela cidadania e pelos direitos fundamentais de todas as pessoas. Não adianta lutar pelos negros e ser machista, não adianta ser gay e elitista, não adianta ser trans e não incluir os gays em sua militância. Para superarmos nossa condição de oprimidos, devemos lutar cada um por todos e todos por um.
- 2)** O candidato defende bandeiras LGBT, feministas, antifascistas, libertárias, por oprimidos de modo geral, como minorias étnicas e religiosas, ou já apresentou projetos de lei que beneficiem ou empoderem pessoas que sofram discriminação, preconceito ou exploração.



3) O candidato não é ligado a religiosos conservadores e fundamentalistas, nem se associa com políticos LGBTfóbicos, machistas, fascistas, elitistas, nem está filiado a um partido hostil aos Direitos Humanos de modo geral. É importante lembrar que o melhor termômetro para identificação de um candidato hostil é a sua oposição à cidadania LGBT, pois o político que representa interesses dominantes e opressores tende a disfarçar sua oposição às demandas da população mais pobre, oprimida, marginalizada e excluída em geral, mas não hesita em demonstrar sua oposição à comunidade LGBT.

Além de o candidato ter de preencher esses pré-requisitos, obviamente ele deve ter boas propostas, ser honesto, não comprar voto, ou seja: o básico que todo candidato deveria ter.

Se, no seu município, houver um candidato que preencha esses requisitos, é importante não só que você vote nele, mas também que você peça votos para ele junto à sua família, seus amigos e colegas de trabalho, que você faça campanha para ele. Lembre-se; os melhores e mais honestos candidatos tendem a ter menor estrutura de campanha, pois não recebem dinheiro de grandes empresários, pelo menos não na proporção que ganham candidatos que são praticamente contratados para defender interesses de grandes corporações. Não basta votarmos bem, temos que ter uma atuação decisiva na campanha eleitoral para que bons candidatos ocupem espaço na política partidária.

Especificidade das eleições municipais

O Brasil tem mais de 5 mil municípios. Com o nosso sistema político e eleitoral caótico, é impossível garantir que um partido consiga manter um padrão ideológico em todo o território nacional. Mesmo o PSOL, que é o atual paradigma de partido laico pró-direitos humanos, se constrangeu com o Cabo Daciolo e com um presidente LGBTfóbico do partido em uma cidade do Acre, embora o partido tenha tido a coragem de os expulsar da sigla.

As eleições municipais têm importância porque elas são a prévia para as eleições seguintes, quando os prefeitos e vereadores eleitos serão os grandes cabos eleitorais que ajudarão a eleger os deputados, senadores, governadores e o Presidente da República.

Sendo assim, há dois aspectos aos quais se deve estar atento na hora de votar em 2016:

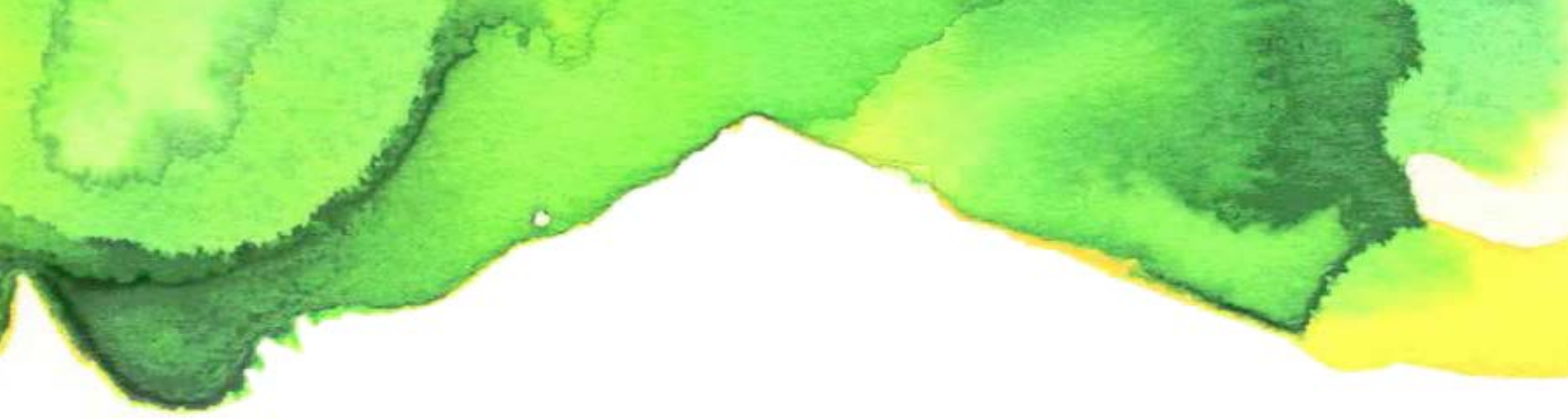
1) Cuidado redobrado com a coligação da qual seu candidato faz parte, pois a LGBTfobia e o descaso com os Direitos Humanos podem estar presentes em qualquer partido, mesmo naqueles com tradição de defesa dessas áreas.

2) Além da coligação, o eleitor deve estar atento a quais deputados e senadores o seu candidato é ligado. De nada adianta votar em um candidato com tradição em defesa dos Direitos Humanos, se ele fortalecerá a candidatura de um deputado hostil a essa pauta na eleição seguinte.

Muito cuidado ao eleger seu prefeito e seu vereador. Lembre-se: a Reforma Política começa pelas urnas.

Obs:1 É importante lembrar que, em municípios de pequeno porte, a lógica partidária é substituída pela lógica de grupos. Um grupo político detém o controle de várias legendas, que são comandadas por caciques locais. A depender da correlação de forças, um grupo pode ir à capital e tomar uma legenda de outro grupo, havendo uma dança de controles partidários sem qualquer coerência ideológica ou programática. Dessa forma, a nossa orientação quanto a partidos hostis, pragmáticos, promissores e de vanguarda pode perder completamente o sentido. Nesses contextos, pode haver um candidato LGBT que, por acaso, esteja em um partido ou em uma coligação teoricamente hostil aos direitos humanos, mas podendo ser até o único candidato pró-LGBT entre todos os outros.

Em situações muito específicas como essa, pode-se dar o voto a esse candidato, que certamente está longe de ser o ideal, mas que pode ser a mais aceitável ou única opção possível para o eleitor LGBT. Em contextos parecidos, o que sugerimos é que se avalie com muito rigor caso a caso.



Obs:2 Mensagem a quem é cabo eleitoral remunerado. Quando um candidato contrata você, ele está comprando a sua força de trabalho, não o seu voto, muito menos os votos de sua família. Você não tem a menor obrigação de votar nele.

Seu contrato inclui entregar o santinho e outros panfletos, informar o eleitor sobre as propostas do seu candidato, torná-lo conhecido e até pedir pra votarem nele, nada mais do que isso.

O melhor que o seu candidato-patrão poderia fazer seria buscar convencer você de que as propostas dele são as melhores; até porque qualquer pessoa trabalha melhor quando acredita naquilo que realiza.

Infelizmente, não é o que vemos acontecer. Muitos candidatos contratam cabos eleitorais remunerados que têm famílias grandes justamente para forçarem uma gratidão de toda a família a ele, que deve ser retribuída com seus votos.

Se é essa a sensação que você tem, sentimos informar-lhe, mas você está sendo manipulado, e seu patrão não merece o seu voto, nem o de sua família, nem o de ninguém.

Segunda carta aos evangélicos

Você, cristão, sobretudo evangélico pentecostal, que leu nossa primeira carta na Cartilha 2014, teve a oportunidade de ver tudo o que dissemos se confirmar, de forma emblemática, na figura do deputado Eduardo Cunha.

Avisamos que alguns candidatos usam da religião para se promoverem; Eduardo Cunha ia a Igrejas Evangélicas fazer campanha.

Dissemos que eles usam uma agenda anti-LGBT e a aura de tementes a Deus como cortina de fumaça para os seus malfeitos; Eduardo Cunha lançou projetos de lei que caçoavam da comunidade LGBT, como a “criminalização da heterofobia”, enquanto encaminhava projetos que prejudicam o trabalhador, como a Lei de Terceirização.

Além disso, ele é acusado e envolvido em escândalos de propina investigados pela Operação Lava-Jato. Inclusive teria usado uma igreja evangélica para fazer lavagem de dinheiro. Não se deixe enganar. O verdadeiro político cristão não usa a religião para se promover, nem para atacar minorias sexuais, mas sim respeita o livre arbítrio de todos os cidadãos e promove os direitos humanos, a justiça social e a paz.

Reforçamos então nossa sugestão de 2014: Cuidado com pastor que anuncia apoio a este ou àquele candidato, mesmo fora do templo. Um religioso que respeita o seu rebanho procura manter uma postura imparcial, pois há fiéis de todos os partidos e porque é muito difícil separar o religioso do cidadão. Na lógica do “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, uma Igreja séria tende a manter-se neutra.

Não vote em um candidato moralista que esteja preocupado em impor sua fé a toda a sociedade, até porque a santidade não se alcança por decreto. Isso é o que os fariseus que crucificaram Jesus, os “Doutores da Lei” faziam! A verdadeira Lei de Deus já está impressa em nossos corações. Uma lei que padronize a sociedade a um determinado comportamento religioso não nasce do coração das pessoas, antes as desobriga de buscar a Lei dentro de si próprias, impedindo-as de santificar-se conforme a vontade de Deus.

O mérito de ser cristão é manter uma conduta de amor ao próximo, estando imerso no mundo, mesmo sabendo que o próximo não segue o seu padrão de santidade, afinal que valor teria um amor que só ama pessoas santas, puras e sem defeitos? Aliás quem pode garantir que aquele que você julga pecador não será o bom samaritano que cuidará de suas feridas, enquanto políticos envolvidos com religião não são os fariseus que deixariam você agonizando na estrada?

E por fim, vote em candidatos, independente de religião, que tenham propostas para melhorar a vida das pessoas, que não tenham histórico de processos por corrupção e que não lhe tentem comprar o voto. Depois que seu candidato for eleito, não o deixe em paz; cobre dele atuações na política mais abrangentes do que um simples veto aos direitos LGBT.

Quociente Eleitoral₁₂

Entenda as regras de contagem do seu voto

Você já deve ter notado em eleições para vereador que alguns candidatos com muitos votos não se elegem, enquanto outros candidatos conseguem o mandato com pouquíssimos votos. Por que isso acontece? Em eleições para vereador, deputados estaduais e deputados federais, o voto não é contado de forma individual, mas para a coligação. Funciona assim:

Suponhamos que você more em uma cidade cuja eleição teve 20.000 votos válidos com uma Câmara Municipal com 10 vereadores. Para saber quantos votos são necessários para conquistar uma vaga na Casa Legislativa, divide-se 20.000 votos válidos por 10 vereadores, obtendo-se 2.000 votos por vereador. Esse número é o Quociente Eleitoral. Isso significa que uma coligação terá o direito de ocupar uma vaga na Câmara Municipal a cada 2.000 votos recebidos.

Suponhamos que você vote no candidato Fulano. Fulano é do Partido A. O Partido A faz parte da Coligação "Povo Feliz". A Coligação Povo Feliz é formada pelos partidos A, B e C e teve 3 candidatos: Fulano, do Partido A, teve 4.000 votos. Beltrano, do Partido B, teve 1.999 votos. Sicrano, do Partido C, teve apenas 1 voto.

Somando-se os votos obtidos pela Coligação "Povo Feliz", temos: 4.000 votos de Fulano + 1.999 votos de Beltrano + 1 voto de Sicrano = 6.000 votos.

Como cada 2.000 votos elegem 1 vereador, os 6.000 votos da Coligação Povo Feliz dá a ela o direito de ocupar 3 cadeiras, elegendo Fulano, Beltrano e Sicrano.

Note que você pode odiar Beltrano e Sicrano, mas indiretamente ajudou a elegê-los, quando votou em Fulano.

Por outro lado, se tivermos uma outra coligação com apenas 1 candidato, e este tiver 1.000 votos, ele não será eleito mesmo sendo muito mais votado do que Sicrano, porque a coligação não atingiu o quociente eleitoral de 2.000 votos.

Parece inverossímil, mas coisas esdrúxulas como o exemplo citado acontecem com frequência. Quando Eneias foi eleito com mais de 1 milhão de votos, ele contribuiu para a eleição de 4 ou 5 deputados que tiveram votação não muito maior do que a de Sicrano. A votação recorde de Tiririca ajudou na eleição de Waldemar Costa Neto e de José Genoíno, envolvidos no caso do Mensalão.

Por isso, tenha cuidado na hora de votar. Não basta gostar do candidato. É preciso conhecer as pessoas e os partidos que compõem toda a coligação, para que você não corra o risco de colocar no poder uma pessoa que não tem nada a ver com você. Devemos ter o cuidado de não votar em candidatos de coligações que envolvam partidos como PP, PR, PRB, PSC e outros partidos hostis, que concentram a maioria dos deputados antidemocráticos, conservadores e até fascistas. Por mais que você simpatize com um bom candidato de um partido democrático com tradição em respeito aos Direitos Humanos, se ele fizer parte de uma coligação que envolva partidos hostis, o seu voto terá sido em vão, pois você também ajudou a eleger nossos adversários.

Um detalhe importante: As coligações para as eleições proporcionais (vereadores e deputados) não são necessariamente as mesmas coligações das eleições majoritárias (senadores, governadores e presidente), que não seguem a lógica de voto para a coligação, mas sim para o candidato.

É possível saber quais as coligações formadas em sua cidade, consultando o ícone “DivulgaCand” no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Obs I: A versão da Cartilha 2016 corrige um erro apresentado nas cartilhas anteriores, quando consideramos o eleitorado total para obtenção do quociente eleitoral, quando o correto seria considerar os votos válidos, como explicado na versão 2016 da Cartilha

Obs II: Para o caso de cadeiras remanescentes após a distribuição das mesmas pelo quociente eleitoral, procede-se a um cálculo matemático em que se divide o número de votos dados no partido ou coligação pelo denominador: $(1 + \text{número de cadeiras conquistadas pela coligação})$. As cadeiras remanescentes são distribuídas de acordo com o valor obtido pelas coligações/partidos, sendo que quem obtiver número maior tem direito à primeira cadeira, o segundo maior índice dá direito à segunda cadeira remanescente, e assim sucessivamente.

Cuidado com o abuso do poder econômico nas eleições

Tudo o que falamos na Cartilha 2014 mostrou-se real com as revelações da Operação Lava-Jato. Veja o que escrevemos na edição anterior:

“A disparidade no uso de recursos financeiros e os meios usados para se levantar dinheiro para as campanhas eleitorais formam a base da corrupção política e da má gestão dos governos municipais, estaduais e da União.

Geralmente, empresas que colocam dinheiro em eleição, veem o processo como um investimento. Elas apoiam determinado candidato esperando serem vencedoras em licitações fraudulentas, ou ter as políticas públicas de um governo direcionadas a projetos que as beneficiem.”

Ainda que tenha havido a proibição pelo Supremo Tribunal Federal de doações de empresas, elas continuarão financiando as campanhas eleitorais, só não mais declararão isso. É o chamado Caixa 2. Todos os partidos, com exceção dos pequenos partidos de esquerda, dependem de financiamento de empresas para as eleições, seja oficialmente ou por meio de Caixa 2.

Embora haja empresários realmente dispostos a contribuir com o processo eleitoral de forma desinteressada, por acreditar realmente nas propostas de determinados candidatos, o que se vê é um desequilíbrio entre candidatos fartamente financiados por empresários que visam interesses particulares futuros e outros que veem sua campanha quase inviabilizada diante da falta de recursos.

Sendo assim, cabe a nós eleitores impedir que o dinheiro fale mais alto do que a competência dos candidatos. Apresentamos aqui algumas dicas:

1) Jamais venda o seu voto, seja por cesta básica, dinheiro, bens, exames e consultas médicas, emprego etc. Lembre-se de que quem comprou o seu voto não tem mais compromisso nenhum com você, afinal, o voto já está pago, você já foi remunerado. Não há como esperar que o candidato que corrompeu você não será corrupto quando chegar ao poder.

2) Cuidado quando estão todos comentando em votar em um candidato que você nunca ouviu falar antes. Geralmente, trata-se de cabos eleitorais pagos para falar bem do candidato. Assim, fuja das conversas de bar e pesquise o candidato por conta própria por meios mais idôneos.

3) Não se deixe levar por campanhas políticas grandiosas, com propagandas eleitorais dignas de ganhar o Oscar de efeitos especiais e com número muito grande de cabos eleitorais. Quanto mais cara é uma campanha, mais comprometido o candidato tende a estar com quem o financiou. Quando ele chegar ao poder, não será a você que ele prestará contas, mas aos investidores que colocaram dinheiro na campanha dele.

4) Não espere passivamente que as informações sobre os candidatos e coligações que disputam as eleições cheguem até você. Pesquise a vida dos candidatos em sites da internet como o “Transparência Brasil” e o site do TSE. Quando você espera as informações chegarem a você em vez de buscá-las, a tendência é que as campanhas mais ricas e mais bem estruturadas cheguem com mais força até você, de forma que você tenderá a votar no candidato com mais recursos, e não exatamente no melhor candidato.

5) Cuidado com candidaturas com adesão muito grande de partidos. Coligações com 7, 10, 15 partidos, na verdade, indicam que o candidato comprou o apoio de vários partidos em troca de tempo na televisão.

Lembre-se, não é que não existam políticos honestos, o problema é que os honestos são menos competitivos, uma vez que os desonestos têm mais facilidade em arrecadar grandes somas de dinheiro e não têm pudores em fazer operações como lavagem de dinheiro, às vezes usando até igrejas para isso.

Se quisermos eleger políticos honestos e verdadeiramente comprometidos com o bem estar das pessoas, aqueles que apresentarem uma campanha, simples, austera e sóbria, que drible a falta de recursos com criatividade, deverão ganhar pontos e votos entre nós, em detrimento daqueles que gastam fortunas no período eleitoral.

Os partidos políticos

Com tantos candidatos a vereador, é muito difícil conhecermos todos. Uma dica é definir primeiro o partido do seu candidato a vereador. Dessa forma, é possível restringir o universo de candidatos a serem estudados, para então escolher. O partido indica mais ou menos a “tribo” da pessoa em quem você pensa em votar, e a quem ela dará apoio nas eleições de 2018, ou se ela votará a favor ou contra as demandas LGBT. Recomendamos fortemente que os LGBTs evitem votar em candidatos de partidos com tradição em abrigar ou apoiar pessoas que lutam contra os nossos direitos, e a favor de partidos com uma orientação mais voltada a reconhecer direitos LGBT. A seguir, faremos uma classificação dos partidos políticos com base em sua vocação para a promoção dos Direitos Humanos e da cidadania LGBT.



Partidos Hostis

Aqui, abordamos os partidos que devem ser evitados em qualquer eleição, na maior parte do território nacional, pois são claramente contrários à cidadania LGBT. Além do escárnio e da hostilidade contra as pessoas LGBT, normalmente, esses partidos abrigam filiados racistas, fascistas, elitistas, machistas e misóginos. A presença de partidos desta lista em uma coligação nas eleições proporcionais inviabiliza toda a coligação. Vamos apenas enumerá-los nesta edição, pois todos apenas mantiveram sua condição LGBTfóbica ou se radicalizaram ainda mais contra nós nesses últimos 2 anos. São eles:

PR - Partido da República, nº 22

PRB - Partido Republicano Brasileiro, nº 10

PP - Partido Progressista, nº 11

PSC - Partido Social Cristão, nº 20

PTC - Partido Trabalhista Cristão, nº 36

PSDC - Partido da Social Democracia Cristã, nº 27

PRTB - Partido Renovador Trabalhista Brasileiro, nº 28

PHS - Partido Humanista da Solidariedade, nº 31

PTdoB - Partido Trabalhista do Brasil, nº 70

PSD - Partido Social Democrático, nº 55

PRP - Partido Republicano Progressista, nº 44

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro, nº 14

DEM - Democratas, nº 25

PROS - Partido Republicano da Ordem Social, nº 90

SDD - Solidariedade, nº 77

PEN - Partido Ecológico Nacional, nº 51

Partidos Pragmáticos

Esses partidos tendem a ser bastante controversos. Diferentemente dos primeiros, que fazem oposição declarada a pautas mais progressistas, como as demandas LGBT, estes nos apoiam, ignoram ou rifam de acordo com suas conveniências políticas. Aqui podem aparecer algumas “ilhas” ilustradas em meio a um oceano de ignorância, fascismo, truculência e LGBTfobia.

De forma geral, deve-se analisar muito friamente esses partidos no contexto local, onde eles podem adquirir feições mais libertárias ou mais hostis. A presença desses partidos em uma coligação para eleições proporcionais não inviabiliza a coligação toda, mas seus candidatos devem ser descartados com exceção daqueles que tenham um histórico incontestável de aliança e luta em favor dos Direitos Humanos de forma geral e da Cidadania LGBT. Os partidos pragmáticos são:

PDT - Partido Democrático Trabalhista, nº 12

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro, nº 15

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira, nº 45

PTN- Partido Trabalhista Nacional, nº 19

PMN - Partido da Mobilização Nacional, nº 33

PPL - Partido da Pátria Livre, nº 54

PCO - Partido da Causa Operária, nº 19

PSL - Partido Social Liberal, nº 27

PSB - Partido Socialista Brasileiro, nº 40

Obs: nesta edição, o PSB cai de posição. A passagem de Marina Silva e a perda de Eduardo Campos não fizeram bem ao partido. Houve uma reformulação do PSB, que vem perdendo sua identidade original, dando lugar a um perigoso pragmatismo. O flerte com Marcelo Crivella-PRB , visando à prefeitura do Rio, e a saída de figuras icônicas como Luíza Erundina e Roberto Amaral nos forçam a reposicionar temporariamente o partido nesta colocação.

Partidos Promissores

Estes partidos deram passos importantes, agregando as agendas da inclusão e da diversidade aos seus programas eleitorais e aos seus sites, de modo que o voto neles tende a ser favorável. Por outro lado, ainda há figuras políticas LGBTfóbicas e/ou que pertencem à FPE, ou que rifam direitos humanos de segmentos da população como a população LGBT, os índios e outros excluídos, de forma que é necessário ter cautela antes de dar seu voto a esses partidos em determinados municípios ou a certos candidatos que eles lancem. De modo geral, há possibilidade de voto em todos os candidatos a vereador da chapa, com exceção obviamente daqueles com histórico contrário aos Direitos Humanos e à Cidadania LGBT. Pertencem a essa categoria:

PV - Partido Verde, nº 43

PT - Partido dos Trabalhadores, nº 13

PCdoB - Partido Comunista do Brasil, nº 65

Obs I: PT melhora de categoria em relação a 2014 graças ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Toda a bancada evangélica, que ela bajulava, virou-lhe as costas, o que a fez se reaproximar de suas bases sociais, culminando com a inclusão do nome social de pessoas trans no âmbito da administração pública federal.

Ao mesmo tempo, tivemos políticos LGBTfóbicos do partido abandonando o barco, como o Senador Walter Pinheiro, da Bancada Evangélica, e a saída de vários prefeitos do PT para se filiarem a partidos hostis, o que mostra que o PT sofreu uma depuração.

Obs II: O PCdoB segue o mesmo caminho do PT, além de ter se aproximado da comunidade LGBT por meio da UNA. Isso sem falar que é o partido mais feminino do Congresso.



Partidos de Vanguarda

Estes partidos chegaram a um comprometimento inequívoco junto aos movimentos sociais e LGBT. Sugerimos voto em todos os candidatos desses partidos.

Para os mais conservadores ou mais à direita no espectro político, pode haver certo desconforto para votar nesses partidos, que estão bem à esquerda no espectro político, com exceção do PPS; entretanto sugerimos voto nesses partidos mesmo para o eleitor de direita, principalmente para o eleitor de direita liberal ou libertária, que ainda não tem representante no Brasil, pois esses partidos de esquerda tendem a valorizar as liberdades individuais e os direitos sociais, o que ainda quase não se vê na direita brasileira.

Uma restrição a esses partidos é que, como são muito pequenos, com estrutura por vezes precária, e com número muito baixo de candidatos, quando eles não se coligam nas eleições proporcionais, sua chance de eleger um vereador pode ser zero em algumas municípios. Votar neles, nesse contexto, significa desperdiçar voto, de forma que é preciso analisar a viabilidade eleitoral da chapa no seu município antes de dar seu voto a eles. Os partidos de vanguarda, francamente pró-LGBT, são estes:

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade, nº 50

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado, nº 16

PCB - Partido Comunista Brasileiro, nº 21

PPS – Partido Popular Socialista, nº 23

Os Novos Partidos

NOVO, nº 30

Trata-se de um partido que defende o Livre Mercado, o Estado Mínimo, os pressupostos de um Estado Liberal.

Em tese, um partido liberal tem aspectos positivos e negativos às pautas dos Direitos Humanos. Por um lado, o pensamento que nortearia esses partidos seria o cosmopolitismo, as liberdades individuais e a livre iniciativa. Por outro lado, esses partidos tendem a considerar os Direitos Humanos de caráter mais social, como educação, saúde e previdência de forma marginal, chegando a, em alguns casos, a negar esses direitos como tal, considerando-os mercadorias.

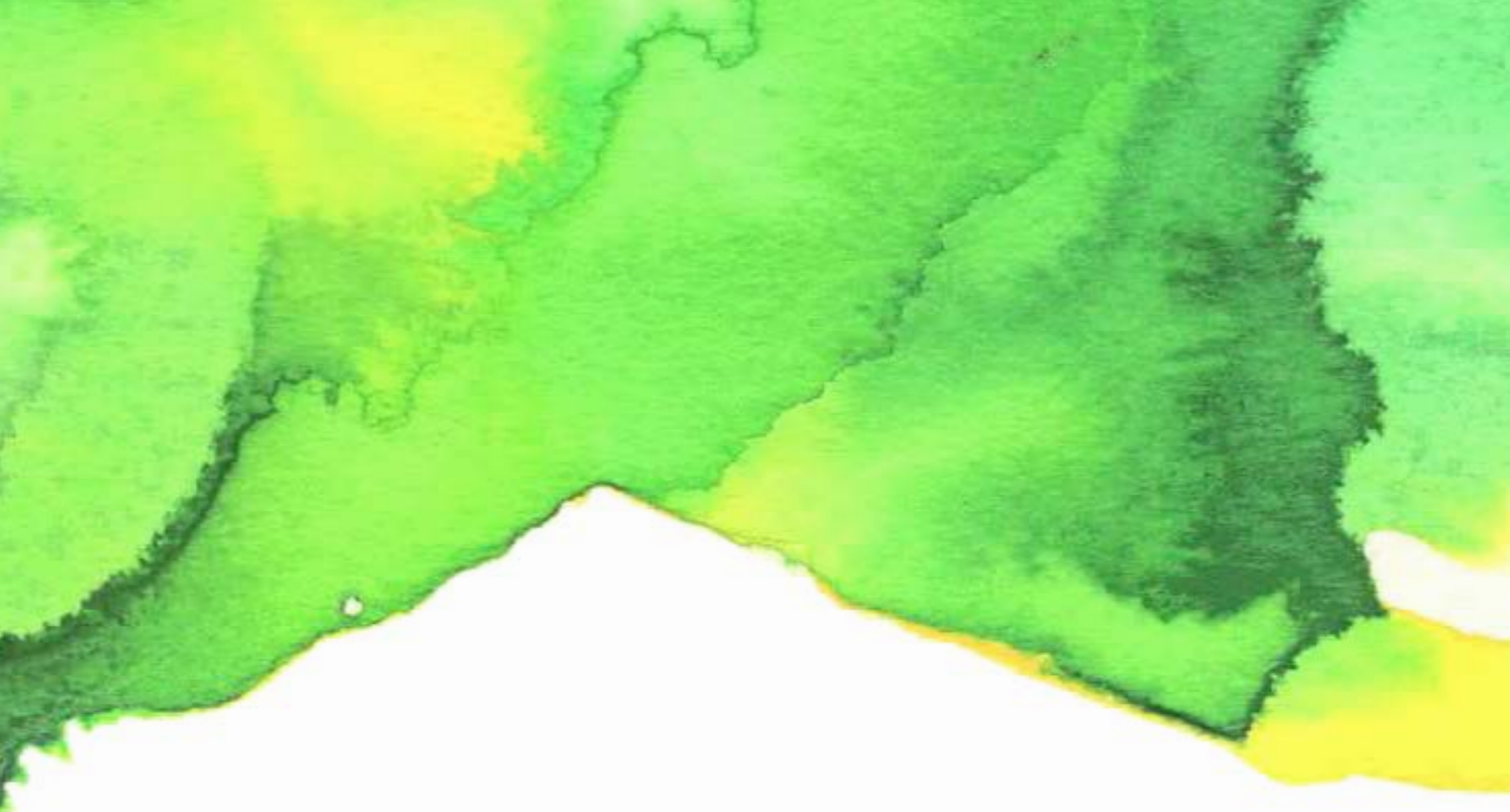
No entendimento dos liberais, um Estado provedor de saúde universal e ensino superior gratuitos, por exemplo, seria grande e ineficiente. Um Estado menor e mais enxuto exigiria menos impostos dos cidadãos, mas estes teriam que pagar um plano de saúde e a faculdade de seus filhos.

Na questão dos direitos LGBT, os liberais tendem a ser favoráveis, pois defendem a liberdade de cada um ser ou fazer o que quiser na busca de sua felicidade, desde que não prejudique outras pessoas.

O que há de preocupante é a ausência das pautas LGBT nos discursos e no site do partido. Outro ponto que se deve levar em conta em relação a partidos ditos liberais no Brasil é que aqui o liberalismo toma considerável distância dos liberais europeus e americanos, aproximando-se dos conservadores, que costumam ter uma abordagem hostil em relação aos direitos das mulheres e da comunidade LGBT. É importante ressaltar que já tivemos um Partido Liberal, que se tornou casa de fundamentalistas evangélicos, transformando-se no hostil PR. Não há garantias de que o NOVO não seguirá o mesmo caminho.

Outro problema desse partido é que ele ainda é pequeno e deve seguir dois caminhos ruins em 2016: ou não se coliga com nenhum partido, não elegendo ninguém, ou se coliga com partidos de ideologia liberal economicamente, mas conservadores no que concerne aos direitos das mulheres, dos negros, dos LGBT etc, como é o caso de PR e DEM.

Inicialmente, classificaremos o partido como pragmático ao voto dos que defendem os Direitos Humanos e a comunidade LGBT, mas acompanharemos com interesse os próximos passos do partido.



REDE - Rede Sustentabilidade, nº 18

Da mesma forma como é difícil definir Marina, o mesmo ocorre com o seu partido.

Tem Marina, que não consegue negar seu ranço conservador. Ela busca o voto evangélico, o que a faz literalmente esconder a bandeira LGBT.

Em paralelo, temos a Rede Diversidade e políticos favoráveis a demandas de direitos humanos, inclusive cidadania LGBT.

Apesar de Marina, classificaremos inicialmente o partido como promissor, até por sua pegada ambiental.

RAIZ - Movimento Cidadanista

A RAIZ é um partido movimento em construção, liderado por Luíza Erundina. A pegada ambiental, a defesa da comunidade LGBT e dos direitos humanos, nos permite classificá-lo como partido de vanguarda, com forte indicação de voto.

Apesar de não estar habilitado para disputar eleições em 2016, o partido estará abrigado dentro do PSOL nos mesmos moldes como a Rede funcionou no seio do PSB em 2014, estratégia que viabiliza a Raiz e fortalece o PSOL, tornando essa parceria bem interessante.

PMB - Partido da Mulher Brasileira, nº 35

Esse partido teve um começo estranho e ridículo, chegando a ter mais de 20 deputados, mas apenas 2 mulheres. Hoje tem apenas 1 deputado homem. Nem dá pra classificar o partido que parece mesmo uma legenda de aluguel. É difícil julgar o partido, uma vez que ele foi esvaziado no Congresso, mas o partido já apoiou projetos contrários às reivindicações das mulheres. Inicialmente, classificaremos o partido como pragmático.

Usando a Cartilha

Como a Cartilha pode nos ajudar a escolher, na prática, um bom candidato a vereador? Vamos tomar como exemplo as eleições municipais de 2012 na simpaticíssima cidade de Guaxupé -MG, cidade do autor da Cartilha. Vamos lá:

Em 2012, Guaxupé teve 162 candidatos a vereador, distribuídos em 7 coligações. Como escolher entre 162 candidatos, qual é o melhor para votarmos?

Vamos simplificar essa escolha.

As 7 coligações, segundo dados do DivulgaCand do site do TSE, foram:

Coligação PSC/PPL: Temos aqui um partido hostil, o PSC, que inviabiliza o voto na coligação inteira. Assim, descartamos todos os candidatos dessa coligação.

Coligação PMDB/PR/PTB: Também descartada, pois PR e PTB são hostis.

Coligação PRB/PSL/PTC/PRTB: PRB, PTC e PRTB são hostis, toda a coligação deve ser descartada.

Coligação PP/PDT/PHS/PPS/PMN/PCdoB: PP e PHS são hostis, o que já inviabiliza a coligação toda.

Coligação PSDB/DEM/PSD/PTdoB: DEM, PSD e PTdoB hostis. Coligação descartada.

PV: Partido promissor; mas, como se trata de um partido pequeno e não coligado nas eleições proporcionais, descartamos esses candidatos, pois o partido pode não eleger ninguém, desperdiçando nossos votos.

Coligação PT/PSB: Temos aqui um partido promissor, o PT, coligado a um partido pragmático, o PSB. Nesse caso, mantemos os candidatos do PT (oito) e descartamos os candidatos do PSB em nossa conta (doze).

Dessa forma, só teremos de analisar 8 dos 162 candidatos a vereador, os 8 do PT.

Vencida essa etapa, agora é só escolher qual desses candidatos preenche mais critérios definidos no capítulo “Como identificar um bom candidato” no início da Cartilha.

Viram como a Cartilha diminui o seu trabalho para escolher o candidato? Agora use-a para as eleições para a Câmara de Vereadores e ajude a fortalecer os políticos que nos apoiam.

Acho que meu candidato não ganha

Esse é um ponto levantado com certa frequência para desqualificar determinadas candidaturas. Seu candidato até é reconhecido como o melhor pela pessoa que quer ganhar o seu voto para o candidato dela, mas ela usa a tática do desânimo contra você.

Normalmente, a resposta a essa situação oscila entre dois polos: De um lado, se você vota em um candidato que não tem chances, o seu voto será perdido. Por outro lado, se você deixa de votar naquele candidato que você acredita ser o melhor, o projeto político representado por ele, que você julga o melhor, nunca será implementado.

Nossa sugestão é: nem tanto ao céu, nem tanto à terra. É possível traçar estratégias que permitam tornar seu voto fiel à sua ideologia, sem perder o pragmatismo. Inicialmente, precisamos usar a estratégia correta para cada tipo de pleito eleitoral. A estratégia a ser empregada na eleição para vereador não pode ser a mesma que a utilizada para eleger o prefeito. Cada disputa tem a sua particularidade.

Para votar em vereadores, devemos levar em conta que o voto é proporcional. Dessa forma, seu voto quase nunca é perdido, porque ele não decide apenas quem vai ocupar aquele cargo, mas quantas cadeiras serão destinadas a cada coligação. Assim, mesmo que seu candidato não vença, o seu voto ajuda a definir a quantas cadeiras a coligação do seu candidato terá direito.

Além disso, é muito difícil avaliar quem tem chance e quem não tem nas eleições proporcionais, nas quais um candidato com menos votos pode ser eleito no lugar de outro com muito mais votos por conta do quociente eleitoral. A única forma de esse voto ser desperdiçado é se votarmos em um partido com estrutura minúscula, que não se coliga a outros partidos em eleições proporcionais.

No caso das eleições para prefeito em cidades com mais de 200 mil eleitores, ainda há bastante margem para um voto mais ideológico. Nesses casos, como a eleição se dá em dois turnos, nada impede que você vote no seu candidato preferido no primeiro turno, deixando para votar de forma mais pragmática no segundo turno. Ao votar no seu candidato, as propostas dele saem fortalecidas do pleito, tendo maiores chances de serem incorporadas aos programas de governo dos candidatos remanescentes.

Já em certos contextos, temos de sacrificar nossa ideologia para evitar o surgimento de um mal maior, abrindo mão do melhor candidato, garantindo a presença de um candidato razoável no 2º turno.

Para a escolha de prefeito em cidades onde não há 2º turno, a melhor estratégia, muitas vezes, é escolher não o candidato que queremos, mas aquele capaz de vencer o candidato que rejeitamos.

Mesmo nesses últimos dois casos, não é porque você irá votar de forma pragmática, que você deixará de ajudar e fazer campanha pelo seu candidato favorito até o último minuto, porque nunca se sabe as reviravoltas que a política pode dar.

Tenha muito cuidado com o discurso de que seu candidato não tem chances. Quem gosta de falar essas coisas, muitas vezes, são pessoas mal intencionadas interessadas em manter a disputa sempre entre os mesmos, ou com medo do poder que seu candidato possa ter de virar o jogo.

Obs: Cuidado com pesquisas eleitorais e enquetes realizadas em cidades pequenas. Geralmente trata-se de pesquisas feitas por institutos fajutos sem qualquer credibilidade contratados por candidatos que querem manipular o seu voto. Na falta de pesquisas confiáveis mantenha-se fiel ao candidato de sua preferência.


Não desista do seu voto

Diante da decepção geral com a política, muitos brasileiros acreditam que anular o voto, votar em branco ou, como forma de protesto, votar em políticos engraçados, que fazem paródia do próprio sistema eleitoral, seriam respostas aos políticos atuais. Não pense assim; isso não leva a nada, pior, faz o jogo de políticos opressores.

Inicialmente, é preciso destacar que o número de votos nulos ou brancos não anula uma eleição. Embora o artigo 224 do Código Eleitoral prescreva que novas eleições devam ser marcadas, se mais de 50% dos votos forem anulados, essa nulidade diz respeito a candidatos votados que tiveram sua candidatura cassada após o pleito ou votos irregulares por fraude, de forma que anular o voto ou votar em branco não tem qualquer impacto jurídico em uma eleição.

Uma tática que tende a beneficiar os maus políticos é nivelar todos por baixo, de forma a gerar desinteresse do eleitorado mais esclarecido, aumentando a influência do eleitorado menos politizado. Desse modo, não adianta você anular o seu voto; os eleitores do voto de cabresto, do voto de cajado e do voto comprado não anularão o deles e votarão nos piores candidatos, que usam desses artifícios para se elegerem. No caso de nós que sofremos opressões e discriminações isso é ainda mais grave. Quando não votamos, a tendência é que candidatos comprometidos com os nossos direitos percam espaço para políticos opressores e corruptos.

Se você não pensa em anular seu voto, mas pensa em embarcar em uma candidatura “engraçada”, saiba que a sua “esperteza” e “bom humor” não são nada perto do deboche que os políticos são capazes de fazer com a “irreverência” do seu voto. O eleitor paulista que votou no Tiririca, para “tirar onda” com os políticos, mal sabe que o voto dele no artista ajudou a reeleger dois mensaleiros. Quem votou nele de brincadeira foi feito de bobo por políticos experientes que usam o Código Eleitoral a seu favor.



Acredite! Há bons candidatos, o problema é que eles ficam escondidos de você, por não terem o mesmo dinheiro pra fazer campanha que políticos desonestos que recebem doações de empresas, que depois poderão querer o retorno do “investimento” que fizeram. Por isso, não tenha preguiça, use essa cartilha para diminuir o espectro de candidatos a serem pesquisados e faça uma análise profunda do currículo e da história dos candidatos.

Votar com inteligência pode fazer toda a diferença para quem acredita na Democracia como forma de termos um Brasil mais honesto, menos desigual, com respeito aos Direitos Humanos e à nossa diversidade étnica, cultural, religiosa, racial e sexual.

Próximos Passos

Obviamente que o assunto “Eleições” não se esgota em uma cartilha. Há particularidades nos municípios que não alcançamos neste trabalho, além do que, fatos novos podem ocorrer até outubro.

Por esse motivo, da mesma forma que fizemos em 2012 e 2014, estaremos monitorando as eleições e trazendo novas informações por meio do Facebook no Grupo e na fanpage “LGBT Brasil” e na fanpage da Cartilha LGBT Eleições. Acompanhe nossas publicações, mande mensagens tire dúvidas, interaja conosco.

Pedimos que ajudem a espalhar o conteúdo da Cartilha 2016. Nós a disponibilizamos na íntegra nos sites LGBT Brasil e Vote LGBT e em artigos avulsos nos nossos grupos e fanpages. Leia, curta, compartilhe, imprima, mostre este trabalho para o maior número de pessoas, de forma que consigamos construir uma nova política para um novo Brasil.

Ao definir os seus candidatos, apresente-os às pessoas que gostam e confiam em você; indique sites, reportagens e outras mídias em que esses candidatos apareçam.

Vamos em frente, ajudando o Brasil a se tornar referência no respeito aos Direitos Humanos. Todas as minorias oprimidas, seja por seu gênero, identidade de gênero, raça, crença, etnia, por ter necessidades especiais, peso, idade devem unir-se em favor do Estado laico democrático de direito. Essa é a condição básica para alcançarmos uma sociedade mais justa, solidária e que respeita todos os seus membros como cidadãos plenos.



Links e créditos

Site LGBT Brasil: www.lgbtbrasil.com.br

Fanpage LGBT Brasil: www.facebook.com/lgbtbrasiloficial

Grupo LGBT Brasil: www.facebook.com/groups/lgbtbr

Fanpage Cartilha LGBT Eleições: www.facebook.com/cartilhalgbt

Cartilha LGBT Eleições 2014: www.lgbtbrasil.com.br/eleicoes

Texto: Everton de Lima Oliveira

Supervisão: Alcides Ferri, Benjamin Bee, Daniel Rodrigues, Miguel Costa, Walter Silva.